A Travessia

Marcos A. Schiavon

NOTA DO AUTOR

A amizade verdadeira é um tipo de amor, mas é um tipo desinteressado de amor. É algo que deve ser próximo, mas não sufocante; leve, mas não tanto a ponto de se desfazer por força de qualquer brisa contrária.

É provável que muitos não concordem com a afirmação: a amizade é um tipo de amor. Mas talvez seja porque muitos pensem no amor apenas como algo que surge de um sentimento que vai crescendo e que depois passa a uma necessidade de estar junto com a outra pessoa, e daí para um relacionamento carnal. Sim, e a maioria das histórias de amor parece seguir essa linha, digamos assim. E não tem nada de errado nisso. Ao contrário, que existam cada vez mais histórias de amor genuíno, sejam elas contadas em livros ou não, é o que desejamos.

Mas eu acredito que uma grande amizade tem muito a nos ensinar sobre o amor. Uma amizade pode nascer de algo inusitado ou até mesmo fútil, mas, ao se tornar algo sincero, não se desfaz num estalar de dedos.

Amigos de verdade podem falar de suas fraquezas e de seus medos, entre si, lamentarem-se

de seus problemas e de o quanto a vida, às vezes, parece não ter sentido. Porém, cinco minutos mais tarde, enxugadas as lágrimas, já estão falando sobre seus planos futuros, sobre suas peripécias amorosas e eróticas, e concordando que esse mundo é um lugar muito bom para se estar.

São as amizades verdadeiras que se regozijam com nossas vitórias, nossas conquistas, nosso progresso material e espiritual. E são essas mesmas amizades que nos acompanharão nos momentos em que sentirmos uma dor tão profunda, que apenas um ombro para chorar não será suficiente. Os verdadeiros amigos nos emprestam suas almas, como apoio.

No entanto, nos dias de hoje, falar abertamente sobre amizade verdadeira, principalmente entre homens, parece remeter a algo ultrapassado, brega e até mesmo com conotações sexuais. Digo isso porque alguns falam de amizade verdadeira como se falassem de algo extinto por força do utilitarismo que reina nos dias atuais, em que pessoas são tratadas como objetos, que, ao perderem sua serventia, são descartados. Outros dizem que essa coisa de dedicação aos seus amigos não passa de sentimentalismos bobos e exagerados. Por último, na opinião de alguns, mesmo que sejam do mesmo sexo, as pessoas não se dedicam umas às outras se não houver entre elas algum desejo carnal.

Respeito as opiniões de todos, mas eu acredito na amizade, assim como acredito no amor, e por isso escrevi uma história que contempla a ambos, de forma natural e sincera, como deve ser. Entrego aos

leitores uma ficção que foi baseada em vivências diversas, em histórias de amor e de amizade que marcaram pessoas por tempos que duraram vidas inteiras, e que ultrapassaram limites, como a distância física, mas que não perderam sua capacidade de emocionar e inspirar aqueles que as ouviram.

Capítulo 1

Ricardo e Ângelo eram vizinhos e melhores amigos. Filhos de famílias italianas, cuja geração anterior havia vindo da Itália para viver no Brasil. Moravam na região rural de uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, chamada Pelotas, e suas famílias viviam da agricultura.

Era um lugar bonito, com terra fértil e boas possibilidade para quem estivesse disposto a trabalhar duro, Ricardo e Ângelo eram os primogênitos de suas famílias. Cresceram juntos, mais apegados um ao outro do que se fossem irmãos de sangue.

Ricardo, que era dois meses mais velho que Ângelo, às vezes usava a maioridade em relação ao outro para exigir respeito do amigo mais novo. Desde muito pequeno, se mostrava muito disposto, tinha energia de sobra, e vivia inventando maneiras de transformar os seus dias e o dos outros em uma sequência de acontecimentos inesperados e nada corriqueiros. Quando andava pelo mato e encontrava alguma cobra, tratava de matá-la logo, e depois, sorrateiramente, colocava ao lado da cama dos irmãos menores, ou então, perto do tanque onde sua mãe lavava roupa. Assim, quando um deles gritava de susto, ele se divertia e ria até cansar, mas, logo depois, já sabia que iria apanhar dos pais por ter lhes pregado a peça.

Como seus pais não tinham dinheiro para comprar brinquedos, as crianças brincavam com o que podiam, e Ricardo tinha a habilidade de montar bonequinhos com pequenos galhos de árvores, que fazia para os irmãos. Para ele e para Ângelo, ele fazia carrinhos de madeira e pedaços de lata. Quando não estavam na roça ajudando os pais, ele e Ângelo preenchiam seu tempo brincando com as suas pequenas invenções.

Ricardo tinha um irmão e uma irmã, com os quais era muito protetor e apegado. Desde muito cedo se mostrou um menino inquieto, por vezes até com um comportamento um tanto belicoso. Nos primeiros anos de escola vivia se metendo em encrencas, principalmente quando se tratava de defender o amigo Ângelo, que era bem mais quieto, e que, por isso, se tornava um alvo mais fácil para os exaltados e valentões.

Uma coisa que chamava a atenção em Ricardo era um hábito muito peculiar que ele tinha desde muito cedo: em torno da casa de seus pais, frequentemente se formavam muitos formigueiros, e logo as formigas invadiam a casa à procura de comida. O menino, então, sentava-se próximo ao caminho das formigas e, “armado” com um martelo, dizimava centenas de formigas, em horas de uma batalha imaginária e unilateral, em que, segundo ele, estava livrando a sua família de um ataque dos perigosíssimos inimigos.

Toda vez que estava por perto quando Ricardo fazia isso, Ângelo dava um jeito de roubar o martelo, e só devolvia quando o amigo prometesse que iria parar com aquela maldade, para depois irem os dois brincar

com outra coisa que não ferisse nada vivo. Ricardo não entendia quando Ângelo falava daquele modo; afinal, eram só formigas. Mas ele sempre cedia aos apelos do amigo, e acabavam brincando e passando o tempo livre em coisas mais inocentes, porém, nem sempre tranquilas.

Como passava um arroio na propriedade das famílias dos dois, eles procuraram uma parte mais alta em uma das margens, e, em uma árvore que ficava quase na beira do barranco, amarraram uma corda em um galho, e, na outra extremidade da corda, um pedaço de pau bem resistente. Depois, um de cada vez, seguravam na corda e se jogavam, pendurados, até chegar à metade do caminho entre as margens, se soltando e caindo direto na água, inventando piruetas no ar. Eram dias muito bons, e, apesar das dificuldades da vida no campo para as pessoas daquela época, as famílias dos dois guris eram muito felizes.

A casa da família de Ricardo ficava em uma área bastante alta de suas terras, e a parte da frente tinha degraus de pedra que levavam a um jardim de uns vinte metros quadrados, onde dona Lúcia, a mãe do Ricardo, cultivava muitas e variadas flores. Aquele jardim era um orgulho para ela, e sempre que podia, ela colocava uma mudinha diferente para colorir um pouco mais aquele lugar tão bonito.

Só depois se chegava à porta da sala, que era bem ampla, com piso de tábua e janelas grandes, de onde dava para ver boa parte das terras próximas. Do lado direito da casa ficava o quarto de dona Lúcia e de seu Rodolfo, o seu marido; do lado esquerdo estavam os dois quartos dos filhos do casal, sendo um deles de

Ricardo e o outro dos dois irmãos menores. Na parte de trás da sala, ficava uma despensa, e ao lado, uma cozinha grande, com alguns armários de madeira e uma pia feita de cimento. Por trás da casa, o terreno ficava quase ao mesmo nível da cozinha, e ali havia várias árvores de tamanho médio para fazer sombra nos dias mais quentes.

Ângelo era bem diferente do amigo. De comportamento mais calmo, desde pequeno era inclinado a brincadeiras mais brandas; não gostava de sustos e era muito curioso com assuntos dos mais variados, principalmente com o que pudesse aprender nos poucos livros que conseguia ter contato. Tinha três irmãos, dois meninos e uma menina linda, a caçula, que se chamava Eva. Desde o nascimento da menina, Ângelo sentiu-se incrivelmente feliz com a presença dela; era como se ele a esperasse mais ansiosamente do que seus próprios pais. Logo que começou a crescer, a reciprocidade de Eva para com os cuidados de Ângelo se tornou evidente. Ela tinha verdadeira adoração pelo irmão, e procurava sua companhia sempre que podia, chegando às vezes a preferir que fosse ele a colocá-la para dormir á noite.

Uma característica marcante em Ângelo era sua inconformidade com a ideia de manter animais presos, principalmente pássaros. Naquela época, era muito comum em lugares como o que eles viviam, que se fizessem armadilhas para pegar pequenos animais e pássaros de várias espécies, e estes últimos iam parar sempre em gaiolas, para divertir seus “donos” com o seu canto. Assim, nos horários em que as pessoas mais velhas costumavam descansar um pouco, geralmente após o almoço, Ângelo saía pelas redondezas

procurando armadilhas, desarmando algumas, quebrando outras, inclusive as que eram colocadas pelo seu pai, pelo Ricardo ou até por um vizinho próximo.

Quando alguém ia revisar as armadilhas e as encontrava sem nada ou destroçadas, a primeira pessoa a quem procuravam para confrontar era sempre o Ângelo, e ele os respondia:

- Eu? Tá louco? Eu não fiz nada, não!

Mas, no fundo, todo mundo sabia que tinha sido ele, e, assim mesmo, ninguém continuava a discussão, porque entendiam que o guri era assim mesmo: ele simplesmente não aceitava qualquer tipo de maldade com os animais, e ainda completava:

- Por que é que vocês acham que Deus deu asas para os passarinhos? Com certeza não foi para eles ficarem dentro de gaiolas, não é? Eles têm que ter liberdade para voar para onde quiserem, e vocês que se contentem em ouvir o canto deles quando eles estiverem nas árvores de perto de casa.

E não parava por aí. Se quisessem arrumar uma encrenca com o Ângelo, era só alguém cortar uma árvore muito antiga que a confusão estava armada, com ele argumentando que as pessoas não tinham respeito com a Natureza, que as árvores também sentiam dor, e por aí continuava, até que o pai dele chegava e o levava de volta para casa, explicando que ele não podia mandar nas coisas que pertenciam aos outros, ou que estivessem nas terras de outras pessoas.

A casa de seu José e de dona Sophia, os pais de Ângelo, ficava em um terreno bastante regular, em sua

parte frontal. A exemplo da casa dos pais de Ricardo, na frente também havia um bonito jardim, com muitas flores, mas com um pinheiro de cada lado de um pequeno caminho decorado com pedras pintadas com cal, que davam um aspecto de capricho ao lugar. A porta da frente era protegida por uma área, que ficava também em volta de toda a casa, permitindo que as portas e janelas pudessem ficar abertas até mesmo em dias de chuva branda. A sala da casa era muito grande, com janelas de duas folhas, que deixavam entrar muita luz no ambiente. Ali, às vezes, faziam pequenos bailes para a vizinhança e os amigos e parentes, em fins de semana. Ao contrário da casa de Ricardo, o quarto do casal ficava à esquerda, e ali eles tinham um guarda roupa enorme, com espaço sobrando, pois não tinham muitas roupas e pertences pessoais.

Do lado direito da casa ficavam os dois quartos dos filhos, com duas camas e um guarda roupa em cada um. No quarto em que Ângelo dormia, ele mesmo pregara algumas tábuas para fazer um tipo de estante, com algumas prateleiras onde ele colocava as suas coisas. Atrás da sala entrava-se em uma área, onde estava também a despensa, e depois ficava a cozinha, onde dona Sophia preparava sobremesas que eram conhecidas por toda a vizinhança, pela qualidade e sabor. Eram pudins, conservas de pêssegos, figos e batatas-doces, sem falar dos bolos feitos com manteiga e ovos fresquinhos; tudo feito com muito capricho e carinho, para a alegria da família. Por fim, nos fundos da casa, havia uma escada de pedras com três degraus, porque o terreno tinha um desnível exatamente na saída da cozinha.

Capítulo 2

Na escola, Ângelo e Ricardo se destacavam pela inteligência, pela rapidez no aprendizado e pela facilidade de comunicação com os professores e colegas. Fizeram muitas amizades desde o primeiro ano no colégio, mas não só com os de sua mesma idade; também se davam muito bem com os mais velhos. Após os anos iniciais, ajudavam os mais novos a se integrar no ambiente da escola, inclusive dando apoio nas tarefas mais difíceis, atitudes que eram elogiados pelos professores.

Um desses era o Norberto, filho de descendentes poloneses e alemães que haviam se instalado por ali um pouco depois das famílias dos italianos, como eram o caso das famílias de Ricardo e de Ângelo. O Norberto era pequeno ainda, tinha cabelos ruivos e era um pouco fanho, o que lhe tornava alvo das brincadeiras dos colegas. Certo dia, na hora do intervalo das aulas da escola, estavam todos brincando, enquanto um colega do Norberto jogava pedras na direção das árvores que ficavam perto do terreno da escola. O guri encontrou uma pedra um pouco maior, e se empolgou imaginando o barulho que ela faria quando acertasse um tronco de árvore grande que ficava bem em frente de onde ele estava, do outro lado do terreno. Mirou e jogou com toda a força, bem na hora que o Norberto passava a alguns metros de distância, brincando de pegar com seus colegas. Acertou em cheio atrás da cabeça do Norberto,

que caiu na hora, desacordado. Foi uma correria, chamaram a professora e a diretora, e como o guri não reagia, jogaram água no rosto dele. De repente, ele abriu os olhos, e como estava deitado de costas no chão, só conseguia ver o brilho do sol, e foi quando perguntou:

- Eu morri?

Todos passaram do susto às gargalhadas, e logo trataram de ajudar o Norberto a se levantar. Ainda um pouco tonto, com a cabeça doendo, deu alguns passos, parou, passou a mão entre os cabelos e falou:

- Acho que tem um buraco na minha nuca. Meu Deus, ficou um buraco enorme aberto na minha nuca! Eu vou morrer!

Os outros foram examinar a cabeça do Norberto, e viram que tinha ficado apenas uma marca. Ricardo, então, disse:

- Deixa de ser fiasquento! Não tem buraco nenhum!

Como resultado, o ruivinho ganhou dos colegas mais velhos um apelido que o acompanharia por muito tempo: Nanuca. Depois do evento desse dia, era Nanuca pra cá, Nanuca pra lá, e quanto mais furioso o Norberto ficava por causa do apelido, mais ele grudava, para desespero do coitado.

Sempre que podiam, os guris se juntavam em um campinho de futebol improvisado que ficava nas imediações, para jogar um pouco. Mas só o futebol não os contentava, e assim viviam inventando novas brincadeiras para fazer em grupo, e algumas delas se

tornavam verdadeiros eventos, com vários preparativos e regras.

Um dia, quando eles já eram adolescentes, um dos moleques ouviu de um parente que vivia na cidade sobre a existência de corridas de carros que aconteciam em outros países. Ouviu que uma das regras era que, depois de ser determinado o trajeto, cada piloto, com seu carro, corria uma volta sozinho para ver quanto tempo levava para fazer aquele percurso, e assim todos os outros competidores, formando uma ordem para a largada da corrida, com o mais rápido saindo na frente, e os outros respeitando o tempo de cada um. Ouviu também que, no final, quem ganhasse a corrida, ganhava um prêmio por ter sido o melhor e era considerado um herói.

Foi um alvoroço entre a gurizada que ouvia a história, e logo ficou combinado que haveria uma corrida nos próximos dias; com bicicletas, é claro! Todos aqueles que tivessem uma bicicleta em casa ou que conseguissem alguma emprestada poderiam participar, e tudo seguiria os moldes da corrida dos carros, com a tomada de tempos para a classificação, trajeto escolhido e, é claro, um prêmio para o vencedor.

Com aquela agitação dos guris, os adultos quiseram saber do que se tratava, e quando ficaram sabendo, se reuniram depois da missa dominical para escolher os juízes da prova, bem como aquele que ficaria responsável por marcar o tempo. Como poucos tinham relógio, foi fácil escolher quem seria o cronometrista oficial, e assim, marcaram a tal corrida para o próximo domingo à tarde, e a propaganda foi sendo feita entre o pessoal da colônia onde moravam.